

MISOGINIA NA IDADE MÉDIA.

Misogyny in the Middle Ages.

Walter Bernardino Lemos¹

Sandro Pereira²

RESUMO

O objetivo deste artigo de curso é analisar o problema da misoginia no contexto da Idade Média. Especificamente, a abordagem do tema misoginia no período medieval busca rever a influência deste período na história cristã ocidental. Isso porque a misoginia estende-se até os dias atuais. Há, ainda, entranhado no inconsciente coletivo, em pleno século XXI, uma forma de desprezo pelo sexo feminino. O movimento feminista, em sua sensibilidade exacerbada, tem percebido este ranço e, por isto, feito tanto barulho. Diante disto questiona-se: como o problema da misoginia impacta o contexto da história cristã ocidental? É no intuito de colaborar com a resposta deste problema é que este artigo se desenvolve.

Palavras-Chave: Misoginia. Idade Média. Mulher. Ocidente Cristão.

ABSTRACT

The purpose of this course paper is to analyze the problem of misogyny in the context of the Middle Ages. Specifically, the approach to the topic of misogyny in the medieval period seeks to review the influence of this period on Western Christian history. This is because misogyny extends to the present day. There is, still, ingrained in the collective unconscious, in the 21st century, a form of contempt for the female sex. The feminist movement, in its exacerbated sensitivity, has perceived this rancor and, for this reason, has made so much noise. In view of this, the question is: How does the problem of misogyny impact the context of western Christian history? It is with the intention of collaborating with the answer to this problem that this article is developed.

Keywords: Misogyny. Middle Ages. Woman. Christian West.

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba (FCC); Pós Graduando em Teologia Bíblica e Ministério Pastoral pela Faculdade Cristã de Curitiba (FCC). Registra-se e lamenta-se o falecimento do autor antes da publicação deste artigo em decorrência de Covid.

² Doutorando em Teologia pela PUC-PR. Mestre em Ciências da Religião pela UMESP. Pós-graduado em Educação à Distância pela Faculdade de Administração, Ciências e Letras (FACEL); Pós-graduado em Pedagogia Social pela FACEL; Professor na Faculdade Cristã de Curitiba.



INTRODUÇÃO

Entende-se que seja necessário breves apontamentos sobre o período medieval para orientação do leitor sobre como este artigo lê o período em questão. A Idade Média começa com a queda do Império Romano do Ocidente no ano 476 d.C e termina com a queda de Constantinopla em 1453. Divide-se em 2 períodos: Alta Idade Média e Baixa Idade Média. O primeiro período vai do século V até o século X e o segundo se estende do século X ao século XV.

1. CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS DA IDADE MÉDIA

Após a queda do Império Romano do ocidente, os territórios romanos foram ocupados pelas tribos bárbaras que formaram vários reinos. As cidades entraram em declínio e viram as suas populações diminuir. Roma, que à época do Império Romano possuía algumas centenas de milhares de habitantes, viu-se reduzida a 30.000 pessoas. O resultado disto foi o empobrecimento cultural. O antigo direito romano foi mesclado às disposições jurídicos-culturais dos povos invasores. Ensina Perry que “das ruínas do Império Romano surgiram três novas civilizações: Bizâncio, o Islã e a cristandade latina (Europa central e ocidental)”. (PERRY, 2002, p. 146) Os eventos principais da alta Idade Média foram: a cristianização dos bárbaros; o envio de missionários para converter os anglo-saxões; a derrota dos muçulmanos por Carlos Martel em Tours, que barrou o avanço daqueles em seu propósito de conquista da Europa; a coroação de Carlos Magno como imperador dos romanos pelo papa Leão III; o início do Santo Império Romano pela elevação de Oto I como imperador; Hugo Capeto torna-se rei da França. Na baixa Idade Média os eventos principais consistiram da: cisão das igrejas bizantinas e romana; da conquista da Inglaterra pelos normandos; da questão da investidura, do início das Cruzadas e do pontificado de Inocêncio III, que significou o auge do poder da Igreja.



2. A CONDIÇÃO FEMININA NO PERÍODO MEDIEVAL

Não houve progresso no que concerne à percepção de como as mulheres eram vistas e tratadas na sociedade. O mundo continuava a ser o mundo dos homens. As mulheres eram meras coadjuvantes dos seus maridos e demais membros masculinos da família. Em uma perspectiva ampla elas eram consideradas inferiores aos homens física, moral e intelectualmente, e estavam sujeitas à autoridade masculina. Perry vai dizer que:

Os pais promoviam os casamentos das filhas. As moças de famílias aristocráticas casavam-se geralmente aos 16 anos, ou ainda mais jovens, com homens muito mais velhos; as jovens aristocratas que não se casavam tinham, com frequência, de entrar para um convento. A mulher do senhor estava à mercê do marido; se o aborrecesse, podia ser espancada. (PERRY, 2002, p. 161)

Isto não causa estranheza. Há pouco mais de cem anos estes costumes ainda vigoravam no mundo ocidental. Aos que se escandalizam por julgar tais coisas absurdas, há exemplos atuais destas mesmas práticas em meio à sociedade islâmica. Continua Perry a descrever o mundo da época:

Mas a senhora do castelo desempenhava funções importantes: distribuía tarefas aos criados; preparava remédios; conservava alimentos; ensinava às jovens costurar, tecer e fiar; e, apesar de sua posição subordinada, era responsável pelo castelo na ausência do marido.

O que a Igreja tinha a dizer a respeito da condição feminina? O autor supracitado desvela algo surpreendente:

Embora a Igreja ensinasse que os homens e mulheres eram preciosos aos olhos de Deus e que o casamento era um rito sagrado, alguns religiosos viam as mulheres como agentes do demônio, sedutoras malignas, que, como a Eva bíblica, levavam os homens ao pecado.



Vê-se ecoar nos conceitos cristãos da época, as palavras de Tertuliano, um dos pais da Igreja primitiva (século II), que mantinha fortíssimo ranço misógino. Ele assim bradava contra o segmento feminino em momento de indignação misógina:

E tu não reconheces que és Eva? A sentença de Deus sobre esse sexo vive ainda nos nossos dias: é necessário que a condenação viva. Tu és a porta do diabo; tu és a que tirou o selo daquela árvore proibida: tu és a primeira desertora da lei divina; to a que o persuadiu a ele [Adão] a quem o diabo não era suficientemente valente para atacar. Tu destruístes tão facilmente a imagem de Deus – o homem. Devido ao teu acto – a morte – até o Filho de Deus teve de morrer. (LOPES, 2012)

Este veredito impiedoso contra a mulher fez de Tertuliano um referencial para os que viriam depois dele, os quais, ao assumirem a cátedra cristã, consolidaram a misoginia no ambiente cristão. Dentre aqueles que o tiveram por referencial cita-se Jerônimo, Agostinho e Ambrósio.

2.1 Casamento na Idade Média

Neste período os conceitos relativos ao matrimônio somente consultavam os interesses masculinos. Frequentemente o casamento não transcendia os limites dos interesses referentes aos bens de família. Nenhuma consideração havia pelos sentimentos. Não se casava por amor, e sim por conveniência. Macedo informa que “o discurso dos religiosos sobre o casamento foi endereçado aos homens. O casamento garantia a estabilidade das relações determinadas pelo sexo masculino.” (MACEDO, 1990, p. 19)

Em um importante contraponto à visão que depreciava a mulher, vale registrar o pensamento de um clérigo do século IX, o arcebispo Hincmar de Reims, *apud* Macedo, que concedia que entre os cônjuges se estabelecia uma relação sentimental. (MACEDO, 1990, p. 19) Pode parecer óbvio ao pensamento ocidental do século XXI, mas à época, era algo um tanto inusitado, face a maré misógina prevalente. Ele afirma



que o marido deveria ser indulgente para com um ser frágil, amando-o como a si mesmo. Em contrapartida, a esposa deveria reverenciá-lo, obedecê-lo. Salvo em decorrência do adultério, ela não deveria ser abandonada. Deveria ser “supportada”.

À mente ocidental soa insólito que a mulher fosse considerada inferior por causa do seu apetite sexual, pois, hoje é o que quase todo homem deseja de sua esposa. Derivava tal conceito da interpretação que a igreja dava ao episódio da Queda. A fraqueza de Eva era imperdoável, pois, por ela toda forma de tragédia atingira o gênero humano. Aos olhos da cultura da época toda mulher era uma Eva em potencial. Acresce a isto o fato de que o cristianismo daqueles dias via com grande desconfiança o prazer sexual.

3. FONTES DA MISOGINIA NA IDADE MÉDIA

O forte ranço misógino deste período é inesperado e causa até mesmo surpresa. Afinal, de todas as religiões conhecidas, o cristianismo pode, com justiça, ser apontado como aquela que mais dignificou a mulher. Os crentes percebem com nitidez, a honra conferida a mulher por abrigar em seu ventre o Filho de Deus. Não foi uma mulher qualquer, mas uma virgem virtuosa e agraciada por Deus. Corajosa e determinada, dispôs-se a enfrentar a sociedade e o desprezo de seu noivo, tão logo soube que seria mãe, mas sem o concurso do homem. Não seria razoável que os cristãos julgassem esta sublime mulher como o protótipo das demais mulheres e lhes concedessem, (as mulheres cristãs) ao menos, o benefício da dúvida? A falha do cristianismo consistiu em encarecer em demasia a figura de Maria. Foi colocada em um pedestal, transformada em uma “deusa”, deste modo provocando um distanciamento tal das mulheres comuns, que se tornou impossível e inacessível a estas seguirem seu exemplo. Soaria até mesmo como blasfêmia e presunção à alguma mulher comparar-se com Maria.

3.1 A contribuição dos filósofos gregos

Digno de nota é o reconhecimento geral do cristianismo quanto a genialidade de alguns filósofos, os quais o influenciaram de forma marcante. Platão e Aristóteles foram, cada um por seu turno, os referenciais filosóficos de Agostinho e Tomás de Aquino, apesar dos seus



preconceitos contra as mulheres. Não obstante, a estes filósofos deve-se conceder o benefício da simpatia, pois no dizer de Frias:

“Todavia, cabe fazer aqui uma pequena ressalva: reduzir a filosofia destes dois grandes pensadores a um simples comportamento machista seria um grande equívoco, tendo vista que a estrutura social de tal período histórico era determinada pela “natureza”. Logo, o erro que cometera Aristóteles e Demócrito ao inferiorizar a mulher em comparação ao homem, talvez, deva-se mais a um fator de ignorância fisiológica, subjacente à época, do que um ato propriamente pré-conceituoso [sic]. (FRÍAS, 2012)

Não se admira, portanto, a constatação de que estes mesmos teólogos apresentem em suas obras, em maior ou menor grau, fortes ranços daqueles traços misóginos. A fonte estava contaminada. Falharam em não beber da fonte pura e cristalina das Escrituras Sagradas.

Aristóteles influenciou profundamente os postulados medievais referentes à condição feminina. Suas teorias a respeito da fisiologia da fêmea, a qual era considerada apenas um recipiente do sêmen do macho, e que este era o que dava a forma e fornecia o princípio da alma, sendo a mulher apenas a matéria, contribuiu decisivamente para embasar a teologia da época medieval. Avançando um pouco mais na compreensão do tema, Cabette esclarece que:

Aristóteles, por exemplo, apresenta uma descrição nada lisonjeira da natureza feminina. Sua função, praticamente isolada, seria a reprodução. Ademais, seria a mulher marcada pela fraqueza, falta de energia dinâmica, uma espécie de virtualidade no aguardo das vontades e iniciativa do homem, este sim proativo em relação à indolente passividade feminina. Aristóteles ainda fala do que chama de “catamenia”, ou seja, o escoamento da menstruação, porque a mulher não teria calor suficiente em si ou energia para sequer digerir o próprio alimento, necessitando de uma expulsão mensal do excesso não aproveitado. Chega a criticar, até mesmo, o formato do aparelho genital feminino, que seria oculto no baixo ventre, comparando-o a “um vaso invertido, de bordas



úmidas”, que serve para fins de “sucção sobre o objeto que entra em contato com ele” – em especial o esperma. A fêmea é apenas um material, um “recipiente”, de modo que a verdadeira “alma” ou “papel ativo” é reservado ao macho. (CABETTE, 2015)

Os conceitos aristotélicos, como acima expostos, foram assumidos pelos mais importantes teólogos do período medieval. Dentre eles destacam-se Santo Anselmo e São Tomás de Aquino. Este teólogo, baseado no conceito de Aristóteles de que o sêmen do homem dá a forma e a alma, e que a mulher fornece a matéria, desenvolveu o conceito teológico o qual afirma que Cristo foi gerado perfeito, sem a mancha do pecado original, porque não teve pai humano. Isto significa que a forma de Cristo e sua alma são de origem divina.

Aristóteles emitiu o conceito de que a mulher é um ser deformado, tendo sido esse conceito consagrado nas Sumas Teológicas de São Tomás de Aquino. Aristóteles *apud* Fonseca dizia que “a mulher é como se fosse um homem infértil [...]”. (FONSECA, 2010) Uma personagem dessa estatura intelectual, grande teólogo e doutor da igreja, ao afiançar tal conceito, dava-lhe foros de verdade de grande peso, tanto por sua causa, quanto por Aristóteles. Não somente ele, mas outros teólogos, de outros modos, ensinavam a mesma ideia básica. O povo cristão, em geral ignorante em relação à Bíblia, assumia tais ideias como absolutamente verdadeiras. Deste modo, perpetuou-se através dos tempos, o mito de que a mulher é inferior ao homem e responsável por todas as tragédias humanas.

Outros importantes teólogos da igreja como Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Ambrósio, além dos já mencionados, alimentavam e propagavam conceitos preconceituosos e misóginos, os quais eram devidamente fundamentados em suas teologias. De acordo com Nascimento “a maior parte desta produção literária foi escrita por homens celibatários, o que sem dúvida terminou por refletir suas convicções, desejos e fobias com relação a mulher”. (NASCIMENTO, 1997) Deste modo se percebe a importância crucial da manutenção, e observância criteriosa da verdade bíblica. O mais leve desvio pode levar a heresias de graves proporções.

O amor à justiça impede que se coloque todo o peso da culpa sobre os ombros destes homens, logo, pode-se afirmar com Nascimento,



que “eram principalmente os homens da Igreja os encarregados de disseminá-las.” (NASCIMENTO, 1997) E, por que razão se comportavam desta forma contra aquelas que lhes deram à luz? De novo aquela autora deslinda a questão ao afirmar que:

Para eles estava claríssimo que a mulher era um perigo carnal e espiritual a ser evitado. Desta maneira, os discursos que justificavam o repúdio não se basearam nos legados dos grandes teólogos e filósofos, mas também se nutriram fartamente de credices, que o baixo clero tratou de alimentar. (NASCIMENTO, 1997)

Desde logo vê-se o homem medieval às voltas com o mesmo dilema do homem grego. Confuso e perplexo, em um misto de deslumbramento e rejeição, sente o poder irresistível da mulher operando em seus membros. Intimamente, sabe que sua sujeição acarretará a perda de sua dignidade. A luz que rebrilha ao fim do túnel, a verdade neotestamentária quanto ao valor da mulher, converte-se nas trevas da misoginia, lastreada em credices e equívocos teológicos. Sobre estas credices Nascimento ministra as seguintes lições:

Neste sentido, por exemplo, é bastante emblemático o significado de corrupção moral que adquiriu a menstruação. Acreditava-se que o sangue menstrual impedia a germinação das plantas, matava a vegetação, oxidava o ferro e transmitia raiva aos cachorros. Estas crenças terminaram por ajudar a justificar fatos transcendentais como a negação masculina em permitir a participação da mulher nas missas, assim como a proibição de tocar os ornamentos sagrados e, finalmente, sua exclusão das funções sacerdotais. (NASCIMENTO, 1997)

Não obstante o peso esmagador destas construções teóricas, houve mulheres que ousaram, através de obras religiosas fundidas aos interesses seculares, e, ainda outras, que estiveram interessados somente na obra de Deus, bem típica dos espíritos inconformados, aproveitar as condições políticas e econômicas favoráveis do século XIII, para implantar os mosteiros femininos. Este será o tema do próximo tópico.



4. AS PROTOFEMINISTAS DA IDADE MÉDIA

Avançando na análise de tão palpitante tema, depara-se com Hildegard Von Bingen (TELES, 2010). A despeito da prevalente misoginia da época, mulheres rivalizaram com os homens por suas produções literária, musical, poética, espiritual e, ainda pela retórica religiosa com forte viés reformador. Tais feitos apontavam, em época tão recuada, para a verdade hoje inquestionável, a de que homens e mulheres são iguais.

Sobre Hildegard, abadessa de monastério, mística, escritora, poetisa, compositora e pregadora, há um vasto material e também filme que relata sua vida. Viveu no século XII, sob uma atmosfera de grave rejeição pelo simples fato de ser mulher, contudo, mesmo respeitando as mesmas autoridades que lhe impunham severas restrições à sua atuação, encarregou-se brilhantemente de tudo que se propusera fazer. Ser mulher não a impediu de brilhar com honra em um céu em que as maiores constelações eram masculinas. Dela assim fala Teles:

Filósofa, compositora, dramaturga, a obra de Hildegard sobreviveu aos séculos: polemista, sua voz foi aceita como autoridade pela igreja; escritora, além da justamente famosa trilogia de obras visionárias sobre doutrina, ética e ciência, cujos manuscritos contêm belíssimas ilustrações, escreveu sobre ciências naturais e medicina, discutindo, entre outros assuntos, a sexualidade e a ginecologia a partir de uma perspectiva feminina; e criou uma língua desconhecida, *Lingua ignota*, com substantivos imaginários e um ‘alfabeto secreto’, não se sabe com que finalidade, talvez médica porque no vocabulário estão algumas palavras para as ervas. (TELES, 2010)

Indubitavelmente, Hildegard, considerada santa pela Igreja Católica, foi alguém que não se deixou enquadrar pelo espírito da época. Não se intimidou diante da oposição masculina. Sua “rebeldia” servia a um nobre propósito, portanto perfeitamente justificável. Newman assim lhe refere:



Em algumas áreas seus ensinamentos parecem ser social e religiosamente conservadores, enquanto em outras ela esteve na vanguarda do pensamento do século doze ou desenvolveu ideias completamente novas [...] De muitos modos foi “transgressora”, quebrando os tabus sociais de gênero de sua sociedade com impunidade, mas de modo algum foi herege. (NEWMAN, apud TELES, 2010)

Sua transgressão a qualifica como uma feminista em sua época. Além dela, a Idade Média assistiu outras mulheres da nobreza tomarem a peito a criação dos mosteiros femininos. São feitas menções destas mulheres à parte, porque suas “transgressões” continham elementos mais secularizados, embebidos em tensões de ordem passional que, eventualmente, poderiam render uma novela.

4.1 As mulheres abadessas

As mulheres da nobreza, em meio à onda de progresso superveniente à Europa nos séculos XII e XIII, que afrouxou as relações hierárquicas entre homens e mulheres, aproveitaram a oportunidade e se destacaram na condução de mosteiros femininos. Tiveram a seu favor a riqueza que possibilitava o dote para o mosteiro. Eram, em geral, mulheres que não foram destinadas ao casamento. O testemunho literário de Nascimento é esclarecedor:

Estes mosteiros foram fundados entre os séculos XII e XIII por mulheres da nobreza leonesa. Esta realidade reflete-se também na maior parte dos outros mosteiros de Castela e Leão, convertendo-se [*sic*] numa verdadeira moda aristocrática. (NASCIMENTO, 2010)

O que causa espécie naqueles acontecimentos, tal como na história de Hildegard, é o ineditismo da condução dos mosteiros, até então função reservada aos homens. De acordo com Nascimento “nem todas as vocações eram fruto da coação familiar” (NASCIMENTO, 2010) . Esta autora esclarece que havia um projeto feminino para acolhimento das mulheres, longe da ingerência masculina. Na realidade o que desejavam era ser protagonista de suas próprias histórias, conforme o trecho abaixo, de autoria de Nascimento:



[...] a partir do qual elas podiam exercer um papel protagonista dentro da sociedade feudal, tal e como requeria sua condição de nobres. Neste ponto, temos que esclarecer que este projeto foi amplamente favorecido pelo evidente repúdio dos monges cistercienses em aceitar as fundações femininas, o que terminou por proporcionar aos mosteiros de monjas do século XIII uma liberdade de ação jamais experimentada por outra ordem religiosa. (NASCIMENTO, 2010)

A esta altura percebe-se que, em havendo liberdade, a criatividade e a iniciativa da mulher aflora tal como o frio faz a pele arrepiar. Como dito acima, a igreja estava preocupada com as atitudes das monjas que não eram fieis à clausura, pois usavam de diversos subterfúgios para se comunicarem com o mundo secular. Assim a elas se refere Nascimento:

Apesar de terem vivido numa época em que a condição feminina era encarada como uma carga negativa, e com a Igreja apregoando a necessidade de enclausurar as mulheres, as monjas não se deixaram intimidar por estas teorias. A clausura jamais foi respeitada, e as cistercienses dos séculos XII e XIII faziam ouvidos surdos às interdições e ameaças. (NASCIMENTO, 2010)

Nesta assertiva, que prima pela objetividade, fica clara a razão que movia a igreja a restringir a liberdade as mulheres, face à insubordinação em relação aos seus superiores. De fato, tempos depois a igreja submeteu as abadessas aos rigores da ordem monástica. Na citação abaixo temos as razões explicitadas acima, na pena de Nascimento:

As frequentes saídas do mosteiro eram justificadas com os motivos mais variados: a administração dos domínios senhoriais, os cuidados que exigia a gerência do patrimônio pessoal das religiosas, visitas a parentes, problemas de saúde, etc. Por outro lado, a clausura também não era respeitada dentro do próprio convento. Os contatos destas mulheres com o mundo exterior



estavam garantidos pelo tráfego de capelães, clérigos, criados e hóspedes em geral. A atitude das monjas provocava grande comoção no seio da Igreja, que não queria conviver com os permanentes escândalos, amóricos e filhos bastardos. (NASCIMENTO, 2010)

Na realidade, estes desacertos não foram exclusividade dos mosteiros femininos. A história demonstra que, nos mosteiros masculinos o afrouxamento das regras, o enriquecimento contrário aos votos de pobreza, e coisas semelhantes, levaram a reforma de muitos deles ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algo que parece ser notório na condição da mulher em relação ao período medieval é que pelo menos em certos contextos houve abertura e consideração à dignidade da mulher. Porém, é necessário salientar que esse espaço parece estar vinculado à condição social da mulher. Parece ser o *status* sócio-econômico o fator distintivo. Mulheres nobres tinham mais condições de poder e receptividade na sociedade do que as camponesas. Também em relação ao homens, a nobre tinha mais poder que um homem camponês. Porém, na relação de status sócio-econômico equiparados, a mulher subscrevia à posição ocupadas pelos homens. Também pode ser notado que em algumas situações específicas foi possível às mulheres estabelecer seu espaço de poder e dignidade. E isso se deu a partir de resistência e aproveitamento das oportunidades frente aos homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABETTE, Eduardo Luiz Santos. Sócrates e as mulheres: um germe do reconhecimento de direitos em plena Grécia antiga. **Revista Jus Navegandi**, Teresina, ano 20, n. 4404, jul. 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/37605>. Acesso em: 29 jul. 2017

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Dois Noções Fundadoras da Construção da Inferioridade feminina: o fisiologismo de**



Aristóteles e o etimologismo de Santo Isidoro de Sevilha. 2010. f. 7. Artigo. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em:

<
[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1291381538_A
 ROUIVO_PedroFonseca.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1291381538_A_ROUIVO_PedroFonseca.pdf).> Acesso em: 26 set. 2017

FRIAS, Daniel N. **A Mulher na Grécia Antiga e Possíveis Aspectos da Cultura Grega na Contemporaneidade.** Disponível em: <https://filosofojr.wordpress.com/2012/08/23/a-mulher-da-grecia-antiga-e-possiveis-aspectos-da-cultura-grega-na-contemporaneidade/>. Acesso em: 12 out. 2017

LOPES, Maria José Ferreira. De Pandora a Eva: fontes antigas da misoginia ocidental. **Revista Diacrítica**, Braga, Portugal, volume 26, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672012000200028.> Acesso em 29 jul. 2017

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média.** São Paulo: Contexto, 1990.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser Mulher na Idade Média. **Textos de História.** V. 5 n. 1. 1997. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5807/4813>.> Acesso em 27 set. 2017, p. 86

PERRY, Marwin. **Civilização Ocidental: uma história concisa.** Tradução Waltensir Dutra, Silvana Vieira. 3ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 2002.

TELES, Norma. Hildegard von Bingen: Nota Breve. **Estudos Feministas.** Brasília. Jul. 2010. Disponível em: <<http://www.labrys.net.br/labrys%2018/musica/NORMA.htm>.> Acesso em 27 set. 2017

